

# AS PAIXÕES INÚTEIS: POESIA E POLÍTICA EM PASOLINI

André Bueno

*Fui poeta. Cantei a divisão na consciência,  
de quem fugiu de sua cidade destruída e foi  
em direção a uma cidade que ainda precisa  
ser construída. E, na dor da destruição,  
misturada à esperança da fundação, exaure  
obscuramente o seu mandato....*

PASOLINI, La divina mimesis

Nas obras completas de Pier Paolo Pasolini editadas em Milão pela Mondadori, dois volumes são dedicados à poesia. No primeiro, estão reunidos os livros *La meglio gioventù*, *L'Usignolo della Chiesa Cattolica*, *Le ceneri di Gramsci*, *La religione del mio tempo* e *Poesia in forma di rosa*, cada um seguido pelos respectivos apêndices. No segundo, *Trasumanar e organizzar*, *La nuova gioventù*, *Raccolte minori e inedite (I confini)*, *Le cose*, *Poesia*, *Hosas de linguas romanas*, *I pianti*, *Canzoniere per T*, *Via degli amori*, *Inferno e paradiso proletário*, *L'italiano è ladro*, *Roma: canzoniere 1950*, *Poesie marxiste*, *Bestemmia*, *L'hobby del sonetto*, *Versi 1972-1974*, *Poesie varie e d'occasione*, *Poesie per musicha* e *Traduzioni poetiche*, também acompanhados, em sua maioria, por apêndices. Ao todo, e levando em conta notas, comentários e apresentações críticas, um conjunto que chega perto das quatro mil páginas.<sup>1</sup> Ao leitor interessado, como é fácil notar, não falta material para pesquisa.

O objetivo do estudo que vem a seguir não é apresentar uma análise de conjunto da poesia de Pasolini, o que levaria longe, exigiria muito tempo, e certamente não caberia no espaço disponível. Assim sendo, apresento alguns breves exercícios de leitura, ao modo livre do ensaio

crítico, tentando apreender certas linhas de força marcantes ao longo da vida e da obra do poeta italiano. Linhas de forças carregadas de tensão, levadas adiante em meio a uma aguda consciência crítica e profundas contradições, que não se resolvem, tornam-se mais fundas e levam as posições do poeta a limites os mais difíceis, ao mesmo tempo estéticos, políticos e existenciais. O limite mais real foi o assassinato de Pasolini no final de 1975, numa praia na periferia de Roma. Não é minha intenção explorar esse limite trágico, suas implicações e ressonâncias. Que vão dos comentários mais desagradáveis e funestos até suspeitos elogios póstumos, daí derivando uma espécie de martiriologia, de hagiografia pesada, que acaba bloqueando a análise da forma e do sentido da poesia de Pasolini. Sem esquecer que para muita gente, na Itália e no mundo, foi sincera a comoção com a morte do poeta italiano.

Interessa mais, acredito, pensar os limites que definem as tensões entre vida e obra, poesia e sociedade, trazidas para o centro mesmo dos livros que Pasolini escreveu. No vértice do assunto, uma tensão constante entre um mundo antigo, de longa duração, o das tradições populares, definindo o interesse de Pasolini pelas periferias pobres de Roma, assim como do Terceiro Mundo, e o mundo moderno, urbano, burguês, mercantil, técnico, que o capitalismo vai criando e recriando, mudando a Itália e levando o poeta a posições extremas e cada vez mais isoladas. Uma tensão central, digamos assim, entre arcaico e moderno, tendo como referência a Resistência contra o fascismo, as esperanças do imediato pós-guerra e a mudança de rumo que já vai se delineando no final da década de 1950 e se tornando mais aguda ao longo da década seguinte e da primeira parte da década de 1970. É o Pasolini mais conhecido, crítico feroz e implacável da *mudança antropológica* que a Itália sofre com a modernização acelerada do capitalismo, fazendo com que, para ele, a *burguesia estivesse se tornando a própria condição humana*. Nesse limite, não poderia ser maior o divórcio entre o poeta e a polis, entre o artista e sua época, tornando inúteis suas principais paixões e interesses, tornados uma espécie melancólica de *força do passado*, impossível no presente modernizado e mercantilizado. Na outra ponta, a da *melhor juventude*, está situado o Pasolini crescendo durante a guerra, lendo poesia, estudando história da arte, interessado na luta contra o

fascismo, tornando-se um tipo muito particular e herético de comunista. Que seria sempre, ao longo de toda a vida. No caminho, os inúmeros sinais, legíveis em sua poesia, em seus romances, em seus filmes, em seus textos críticos, de uma contramão histórica vivida, sentida e trazida para a própria forma estética.

Até aqui, me refiro mais ao Pasolini poeta. É bem sabido que também foi filólogo, crítico de arte e literatura, romancista, cineasta, dramaturgo e polemista empenhado a fundo nas questões mais agudas de seu tempo. Mas não é abusivo considerar Pasolini, sobretudo, um poeta. Porque assim se considerou, desde a juventude, em Bolonha e no Friul, desde os anos da Guerra e da Resistência ao fascismo. E se considerava, na juventude, poeta num sentido forte e exigente, situado numa tradição elaborada, que não fazia concessões à prosa e à comunicação mais direta. Daí o estilo elegíaco e o sentimento de uma espécie de mandato, cujo fundo romântico é inescapável. Na sua melhor juventude, o poeta italiano não sente, como sentiria depois, de modo agudo e decisivo, *o duro confronto entre a poesia do coração e a dura prosa do mundo*, para referir aqui Hegel combinado com Marx. Esse confronto central viria depois, e cada vez mais forte, levando Pasolini a sentir exaurido seu mandato como poeta, fazendo poesia sem acreditar na poesia, num estilo de registro quase biográfico, bem próximo do cotidiano e dos eventos pelos quais ia passando. Daí a angústia e o desespero que se lê em seus poemas.

Cada vez mais, foi ficando longe o *poeta civil* da década de 1950, cujo marco é o poema longo *Le ceneri di Gramsci*, o intelectual empenhado na organização da cultura, mirando o diálogo com, por exemplo, os leitores do periódico comunista *Vie Nuove*. O que não significa dizer que Pasolini tenha desistido de seu fundamental impulso pedagógico e formativo, voltado para o diálogo crítico e o debate público. Porque foi assim até o final, mesmo nos textos luteranos e corsários da sua última fase. Como fora na juventude, criando uma escola em sua casa, durante a Guerra, para ler e discutir arte e literatura. O que mudou foi o sentido do empenho, sem o chão histórico das esperanças de mudança à esquerda, trazidas pelo pós-guerra e a vitória contra o fascismo, traduzidas numa quase hegemonia cultural da esquerda na Itália no período. Des-

feita a *luz da Resistência*, já no final da década de 1950 Pasolini considera que a história de sua geração terminara. Diagnóstico difícil, contestado por muitos de seus críticos, mas de inegável peso em sua trajetória.

Já no final da década de 1950, passando por toda a década de 1960, até sua morte em 1975, será cada vez mais nítida a separação entre a poesia do coração e a dura prosa do mundo, entre o poeta elegíaco da melhor juventude e aquele que vai exaurindo seu mandato, que considera concluído seu mandato, embora levasse vivo seu coração elegíaco. Daí a estranha beleza das coisas findas, mas vivas ainda, que definem o título deste estudo-as *paixões inúteis*. Pode-se lembrar, a propósito, uma citação de Alberto Moravia, se referindo a Thomas Bernhard, mas que se ajusta bem à contracorrente sentida e vivida por Pasolini: *aos olhos do idealista continuamente ultrajado, a humanidade só pode ser horrenda*. Vale dizer, a posição de Pasolini pode ser entendida, no fundo, como anticapitalista de tipo romântico, apoiada em figuras ideais, sempre fadadas ao choque frontal, e negativo, com a realidade efetiva do processo histórico e social. Pode-se considerar que faltava a Pasolini o senso prático da visão política do presente, a partir do presente, mesmo que negativo e regressivo, mesmo que em meio a derrotas profundas. Mas também se pode considerar que, mesmo no excesso da posição extrema de Pasolini, havia um juízo acertado em relação aos rumos do capitalismo que se modernizava, desfazendo as lutas e as esperanças revolucionárias das gerações anteriores. Ou seja, no centro da crise estava uma aguda percepção do neocapitalismo em marcha, com resultados que o poeta não viveria para ver, e não apenas na Itália. No limite extremo dessa tensão entre o poeta e a polis, pode-se entender os últimos anos da vida de Pasolini, que de fato entendia e sentia o avanço do neocapitalismo na Itália como algo horrendo, uma verdadeira catástrofe, sem volta e sem esperança de superação.

É nesse ponto que o pathos de Pasolini vai longe demais, relacionando a *mutação antropológica* que resulta do capitalismo modernizado com uma espécie de retorno do nazismo e do fascismo. O que era, sem dúvida, uma analogia excessiva e sem fundamento histórico. A barbárie totalitária não estava de volta, na sua forma antiga, o que estava em curso eram novas formas de dominação, de controle, de exploração, de

violência, de cooptação, de conformismo, de colonização muito ampla e profunda da vida pública e privada. Não apenas na Itália e na Europa, que Pasolini já comparara a uma pocilga, mas também no Terceiro Mundo, a certa altura percebido por Pasolini como sua *última esperança*. Posição muito idealizada, quer se tratasse da África, dos países árabes ou do Brasil, o que se pode ler com clareza nos poemas que Pasolini escreveu depois de passar pelo Rio de Janeiro e pelo Recife. Não havia a persistência das longas tradições populares pré-capitalistas imaginada por Pasolini, na forma de uma espécie de Outro da Itália e da Europa já modernizadas e mercantilizadas. O desejo de projetar a força do passado no presente do Terceiro Mundo não tinha um chão histórico reconhecível, exceto como contraponto imaginário e figura idealizada.

A analogia do neocapitalismo na Itália e o fascismo como controle total do corpo de outras pessoas, por inteiro desumanizadas, está no último filme de Pasolini, *Salò*. Talvez seja um dos filmes mais duros e difíceis da história do cinema. Sade, retomado no contexto dos hierarcas fascistas usando e abusando dos jovens trabalhadores, ilustra a analogia do presente do capitalismo modernizado com a Itália de Mussolini. Por extensão, com o próprio nazismo. A pergunta já foi feita, e aqui apenas repito: depois de filmar *Salò*, o que Pasolini ainda poderia fazer? Pergunta que ficará para sempre sem resposta. Mas o que se pode afirmar é que Pasolini, ao fazer de sua poesia a forma de uma vida, ligando por inteiro vida e obra, corpo e linguagem, não poderia aceitar a posição negativa, desencantada, da consciência crítica lúcida e infeliz, que entende o recuo e a regressão histórica, e ali resiste, e ali insiste, quase que numa posição estóica. A *vitalidade desesperada* do poeta italiano era de outra natureza, tinha outras exigências, toda feita que era de contradições irresolvidas, de impasses tornados sempre mais agudos. Como já dito, mesmo que o impulso político racional, pedagógico e público, formativo e crítico, do homem de cultura que sempre foi jamais o abandonasse, e se voltasse para a juventude da época, exercido com uma lucidez e uma coragem que, tantos anos passados, ainda se mantém clara e viva.

É certo que não se vive um processo desse tipo sem uma profunda angústia, o que se lê com clareza, tanto na poesia quanto nas intervenções públicas de Pasolini. Que não se conforma, em nenhum nível, com

o que acontece com a juventude subproletária que esteve no centro de sua vida durante muitos anos. Como na seguinte intervenção: jovens “*que estão perdendo os antigos valores populares e absorvem os novos modelos impostos pelo capitalismo, arriscando assim uma forma de desumanidade, uma forma de afasia atroz, uma brutal ausência de capacidade crítica, uma facciosa passividade...*”. Acrescentando a ênfase apocalíptica ao argumento: “*recordo que estas eram precisamente as formas típicas das SS: e vejo assim estender-se sobre as nossas cidades a sombra horrenda da cruz gamada.*” Essa intervenção foi feita no verão de 1974, na festa de L’Unità, jornal do PCI, partido ao qual permaneceu fiel, mesmo que dissidente e crítico, sem interlocutores entre os comunistas. Porque acreditava que o PCI, com todos os seus problemas e limites, era o único partido popular de massas que existia, e era preciso com ele dialogar, considerando que era aquela a forma possível da organização dos trabalhadores. O que se nota na poesia do último Pasolini, às voltas com esse conflito, entre sua lucidez crítica e a limitada existência real do PCI.

Nesse ponto da análise, vale a pena lembrar a complicada relação de Pasolini com a juventude estudantil e os eventos de 1968. Quando se retoma o assunto, o que vem para a linha de frente é o poema *Il PCI ai giovani*, uma intervenção polêmica que foi publicada justo no ano de 1968, no calor da hora. As críticas, como era de se esperar, vieram firmes e fortes. Desde a acusação de defender a polícia que atacava os estudantes, o que não era verdade, até a crítica à limitada compreensão de Pasolini em relação à posição de classe dos estudantes, o que era mais verdadeiro. Sem esquecer, no vértice do problema, uma espécie de acerto de longa duração no poema-provocação de Pasolini, que via na revolta estudantil um aspecto da *luta intestina da própria burguesia*. O que era em parte um erro, mas também um acerto, que se comprovaria tempos depois, com a passagem de um grande número de antigos líderes estudantis para o campo dos partidos da ordem, conformistas e integrados. Que o diga o exemplo brasileiro, muito saliente nesse capítulo negativo.

Se esse era um ângulo do problema da relação de Pasolini com a juventude estudantil de 1968, que envolvia com muita ênfase um choque de gerações, havia outros ângulos, que não se pode esquecer. O que não

se pode esquecer é o apoio, crítico mas decidido, que Pasolini deu aos militantes de esquerda, por exemplo de *Lotta continua*, emprestando seu nome para a editoria do jornal do grupo. Mais que a intervenção polêmica que se lê em *Il PCI ai giovani*, tem mais força e beleza *La poesia della tradizione*, onde o poeta italiano lamenta o pragmatismo, o desejo imediato de ação, o desprezo pela cultura e pela tradição, dos jovens cegamente lançados na direção *de uma vitória que não existia*. No processo, tornando-se pueris e pragmáticos, absorvidos pela ação e insensíveis ao passado e à força da tradição. Dureza, digamos assim, mas sem ternura. Valendo acrescentar que a desconfiança de Pasolini diante das revoltas de 1968 era a de muitos intelectuais e artistas da sua geração, ou até de uma geração mais velha, mas que não se expressava na forma polêmica e provocativa escolhida por Pasolini. Também nesse ponto, uma mistura de crítica desconfiada, cheia de ironia, e uma simpatia interessada, de quem não recusava o debate e o apoio, quando necessários. É importante lembrar que sua última intervenção crítica seria apresentada num congresso do Partido Radical. Quando lida, depois de sua morte, os termos críticos eram muito claros e precisos. Um convite ao inconformismo radical, de um poeta que não acreditava mais na poesia, de um intelectual que não recusava o debate aberto, de um homem de cultura que não se intimidava com argumentos terroristas, de um homem de esquerda que não mais acreditava na superação do capitalismo, apenas na oposição direta e frontal. Numa época como a nossa, de pasmaceira do pensamento, não deixa de causar admiração a coragem de Pasolini.

No entanto, é mais que certo que os traumas da Guerra, do fascismo e do nazismo, permaneciam como uma ferida aberta e irresolvida em Pasolini. Daí a projeção, direta e equivocada, daquele passado no presente do neocapitalismo da primeira parte da década de 1970. Preso a suas próprias fixações e obsessões, marcado pelo horizonte emancipatório da Resistência, que se desfez alguns anos depois, é fato que o poeta italiano não tinha como separar as situações diversas, fazendo uma análise objetiva do processo em curso. Mas, no principal, como homem de esquerda que era, estava certo, ao perceber no progresso uma catástrofe, uma forma aguda de regressão, gerando novas formas de conformismo,

de ignorância e de violência. Faz lembrar Walter Benjamin, que Pasolini não refere, e talvez não tenha lido. Mas a afinidade é nítida, até certo ponto: o progresso como regressão, como máscara de um estado de exceção permanente, que não admite ilusões e compensações fáceis, sobretudo pelo ângulo dos oprimidos, que não cessam de ser derrotados. O que não era um assunto apenas do campo conservador, mas que seria, e cada vez mais, o problema da maior parte dos sindicatos, organizações e partidos de esquerda, mais e mais trazidos para a esfera do otimismo burguês do progresso e da gerência pragmática e responsável do próprio neocapitalismo.

Como se costuma dizer, e se lê com frequência, a extrema vulgaridade e cinismo resumidos na imagem da *lição de casa bem feita*. Como se a tarefa histórica dos trabalhadores, dos estudantes e dos intelectuais fosse a de ser alunos obedientes e disciplinados na grande escola do capitalismo mundializado, com suas formas novas de horror e violência. Qual coração elegíaco, qual poeta poderia ter lugar em tal mundo? Nenhum, a não ser que quisesse pegar na lama das avenidas a velha aura perdida, buscando um lugar no coro dos contentes, como poeta laureado e oficial. O que não poderia ser, e não foi, a posição de Pasolini, de fato colocado na posição incômoda de *força do passado*.

Quando Pasolini morreu, alguns críticos disseram quem com ele morria o último poeta que ligava arte e vida. Que não separava a existência, a linguagem, o corpo, a presença pública e a vida na cidade. Não era um elogio. Mas é uma afirmação que merece algumas considerações. É certo que a poesia de Pasolini foi a forma de uma vida, com todas suas arestas e ângulos agudos. Seria um erro completo supor que a relação de sua poesia com a vida fosse do tipo simples e ingênuo. Um mero registro direto de impressões, sensações e eventos, trazido sem cuidado para a forma do poema. Não era o caso. Essa relação entre arte e vida foi sempre mediada e construída, exigente e fundada numa visão profunda da cultura e da sociedade. É por esse ângulo que a relação se estabeleceu, de modos diversos, ao longo da vida e da obra de Pasolini. Trazendo para a forma poética as tensões e conflitos da consciência, do corpo, da linguagem, da cultura, do empenho social sempre elaborado e mediado.

Nos poemas de *A melhor juventude*, os do coração elegíaco, escritos em dialeto e ecoando os provençais, uma percepção forte do poeta e da própria poesia. Nos poemas de *O rouxinol da Igreja Católica*, com um certo peso, às vezes desagradável, da herança cristã. No longo poema civil *As cinzas de Gramsci*, um tour de force do poeta consigo mesmo, ao mesmo tempo com e contra a herança crítica de Antonio Gramsci, partindo daí para uma longa geografia da Itália e suas regiões, a começar pelo próprio entorno do Cemitério dos Ingleses, em Roma, onde o pensador comunista está enterrado. No final, o verso famoso, Pasolini considerando que a história de sua geração terminara. Em *A religião do meu tempo*, escrito a partir da vida em Roma, uma figuração sensível e forte da vida cotidiana, vista a partir da periferia, dos tipos comuns e populares, que sempre interessaram Pasolini. Em seguida, uma sequência de epigramas, secos e diretos, ecoando a melhor tradição italiana clássica, carregados de sarcasmo, montando um conjunto dos melhores na obra do autor. Do livro *Poesia em forma de rosa* se pode destacar poemas como *O sonho da razão*, *A realidade*, *Poema para um verso de Shakespeare*, *As belas bandeiras* e *Uma desesperada vitalidade*, marcando na própria forma poética as tensões entre a vitalidade desesperada, o empenho racional e crítico, a paixão pela realidade, e a imagem das belas bandeiras, que iam se afastando, se tornando coisa do passado, dissolvendo no horizonte *a luz da Resistência*.

Por esses ângulos agudos, se vai configurando a cisão entre o poeta e a polis, a linguagem e a sociedade, o desconforto da consciência e do corpo num mundo em mutação acelerada, colocando Pasolini na contramão da história. Nos anos finais de seu trabalho como poeta, Pasolini publicou *Trasumanar e organizzar* e *A nova juventude*. No primeiro, o sentido da crise está presente na forma do conjunto de poemas, de um Pasolini que escreve poesia sem acreditar na poesia, que vai chegando ao final de seu mandato imaginário de poeta, tanto elegíaco quanto civil. Já desde os títulos se nota o conflito, por exemplo, em *Poesia su commissione* e *Nascita di un nuovo tipo di buffone*, *Charta(sporca)*, o já referido *La poesia della tradizione*, além de *La restaurazione de sinistra* e os poemas reunidos sob o título *Sinaciosi della diáspora*. Muito longe do tom alto da poesia elegíaca e dialetal da juventude, esse conjunto traz a poesia para

bem perto da prosa e do cotidiano, reagindo e registrando, de modo crítico, as formas de uma crise. Vale notar a ironia com a poesia escrita sob encomenda, o desgosto com a restauração de esquerda e, bastante, Pasolini percebendo em si mesmo o *nascimento de um novo tipo de bufão*, posto na arena pública de um tempo mercantil e regressivo.

É sabido que Pasolini tinha uma fixação na juventude, detestando a hierarquia e a velhice. Os poemas de *A nova juventude* fecham o ciclo começado com *A melhor juventude*. O poeta retoma a si mesmo, o imaginário da sua juventude em Casarsa, da região do Friul, a cidade da mãe, e tenta unir as pontas do que se perdera, do que ainda poderia haver de diálogo com a juventude daquele começo da década de 1970. Por certo que há beleza, melancolia, desencanto e lirismo nesse ponto de chegada. Sem forçar a mão, é possível dizer que Pasolini estava preso a sua mitologia pessoal, suas obsessões e fixações, tudo agravado e tensionado pelo recuo histórico em curso. O poeta de um tempo presente carregado, saturado de passado. Tudo, menos uma relação ingênua, direta e fácil, entre arte e vida.

Já foi dito que Pasolini, por seus diversos talentos, exercidos de forma constante em várias linguagens e formas, seria uma espécie de *homem da Renascença em pleno século XX*. Pode soar como um exagero, para ouvidos mais sóbrios e mais atentos às fragilidades que se poderia perceber em vários momentos da obra do artista italiano. Mas há por certo um fundo de verdade na comparação. Seja como for, foi sempre um *homem de cultura*, que prezava a tradição, o conhecimento, a educação e o debate público. Desde sempre, a seu impulso como poeta juntou um também forte empenho pedagógico. Foi assim em sua juventude, seria assim mesmo no final de sua vida, apesar dos extremos da crise que viveu e trouxe para a forma de seus escritos. Aqui, talvez, seja o lugar certo para retomar a relação entre poesia e política. Distante de seus sentidos mais prosaicos, panfletários e demagógicos, fáceis e quase sempre traduzidos em arte ruim, a política se apresenta em sentido forte, que inclui a crítica do capitalismo, a organização da cultura, os processos educativos e formativos, as formas estéticas estudadas e elaboradas, assim como as intervenções, diretas e duras, nos debates que se apresentaram ao longo de toda a vida de Pasolini.

Descartados os termos desgastados que foram se associando à palavra *política*, mas também deixada de lado a posição que separa por completo poesia e política, como termos que deveriam ser sempre excludentes, fica em pé o que interessa: *o poeta e a polis, o poeta e a vida na cidade, como linhas de força e campo de tensões*. Valendo lembrar que Pasolini teve argumentos para defender tanto a atacada *torre de marfim* - por certos críticos entendida apenas como fuga e alienação-, mas apoiada por Pasolini contras os imediatismos a seco, o pragmatismo pueril, o desejo de ação a qualquer custo, deixando de lado a tradição e a cultura, como teve argumentos, com muita constância, para enfatizar sua paixão pela realidade- mesmo quando boa parte da crítica e dos artistas passou a fugir da citada realidade como o diabo da cruz. Certa vez, perguntado se os seus deuses seriam Cristo, Marx e Freud, respondeu que seu único deus era, justamente, a realidade. Mas a nenhum leitor escapa a importância desses três judeus dissidentes para Pasolini. E se pode acrescentar, com Pasolini, que faltou um quarto hebreu, juntando-se aos três citados: para tratar da estética.

Nessa altura, não se pode esquecer a posição de Pasolini como homossexual assumido, por esse motivo expulso do Partido Comunista, ainda jovem, num lance típico do moralismo de esquerda, e atravessando sua vida inteira, na forma de inúmeros processos judiciais, alusões maldosas e infâmias variadas, o que não é difícil de se imaginar em uma Itália católica atrasada, chegando até seu assassinato no final de 1975, por um ou mais garotos de programa na periferia de Roma. Da maneira brutal que se sabe. Foi o risco a que estava exposto como homossexual, desde sempre? Ou foi um assassinato de encomenda, com motivação política, a mando de neofascistas? Há argumentos para defender as duas hipóteses. O leitor que julgue por si mesmo. O incontornável é a brutalidade do crime, mais uma trágica vitória da violência cega contra a civilização e a cultura. No extremo da morte de Pasolini, fica o mais difícil: se haveria mesmo nele um desejo de sacrifício e massacre, culminando naquela noite na praia de Óstia. Nesse território obscuro e duvidoso, não avanço.

Minha admiração e respeito por Pier Paolo Pasolini começaram na década de 1970, incluído o impacto que sua morte causou. Primeiro,

fui lendo algumas traduções disponíveis, com muito interesse e atenção. Mais interessado na poesia, no cinema e na crítica que nos romances, que pouco li. Nos últimos anos, comprei *L'opere compiute*, editada pela Mondadori e fui lendo os originais em italiano. Na medida das minhas limitações. Muito mais a poesia e a crítica que os romances. Também fui lendo seus críticos, o que me ensinou a entender melhor as posições de Pasolini e o contexto da Itália, tanto cultural quanto político. O que havia de mais fácil e idealizado nas minhas primeiras leituras foi dando lugar a ângulos mais agudos e complicados, sem com isso diminuir meu interesse e minha admiração. Creio que o confronto crítico para mim mais marcante está no livro *Attraverso Pasolini*, de Franco Fortini.<sup>2</sup>

Li, reli, anotei, fui pensando, ora concordando, ora discordando, quase sempre percebendo problemas de fundo que desconhecia. Amigos e interlocutores ao longo de muitos anos, rompidos a certa altura da década de 1960, Pasolini e Fortini mantiveram um diálogo crítico que surpreende pela franqueza, pela exposição direta das posições, pela exploração dos limites mais difíceis de posições exigentes e divergentes, até o fundo. Para um leitor formado no Brasil, acostumado a debates amenos e cordiais, ironias polidas, farpas distribuídas de modo indireto, modos diversos de fazer carreiras e conquistar posições, bem à brasileira, foi uma grata surpresa. Uma educação pelo avesso, pondo em cheque muito do que eu pensava e imaginava. Percebendo pontos inesperados justo quando era mais irritante ler as críticas de Fortini a Pasolini. Ao modo, digamos assim, de uma constelação crítica complexa, que refiro, mas não posso, nas poucas páginas que seguem, desenvolver com o necessário cuidado. É matéria para um livro. O que posso apresentar são apenas, como dito acima, alguns exercícios de leitura. Pelo que possam valer.

Como *força do passado*, na contramão do capitalismo que se modernizava, Pasolini estava preso a um mundo que ia mesmo desaparecer, dissolvendo sua cultura e seus modos de vida, sua linguagem, seus gestos, sua memória. Um mundo antigo, arcaico, de longa duração, destruído e absorvido pela força expansiva e inclusiva do progresso e sua mitologia. A horrível *mudança antropológica* que Pasolini não cessou de criticar em seus últimos anos de vida. Para Fortini, faltou a Pasolini

tornar-se um *comunista moderno*, deixando de lado os *mitos regressivos da origem, do arcaico, da mãe, do povo, do passado*, como idealizações que precisavam ser postas de lado. Para atender às exigências postas pelo presente. Por essa linha, Pasolini precisaria deixar de lado suas fixações, suas obsessões, sua mitologia pessoal, seus fantasmas todos, para se tornar um comunista de seu tempo. Pasolini precisaria entender e superar seu *désir d'invariance*, que o mantinha fixado na figura da mãe, na hostilidade diante do pai, no amor permanente pela juventude, a sua e a dos rapazes que amava.

Nesse nível crítico, Fortini não chega ao ponto de considerar Pasolini um capítulo a mais do *populismo na literatura italiana*, como o fez Alberto Asor Rosa. É que Fortini foi, ao mesmo tempo, um crítico duro e direto, mas também um admirador do talento de Pasolini. Que estava prejudicado e se desperdiçava por uma *malattia*, um *irremediável desconcerto da mente*, que Pasolini nunca superou. De seu ângulo, Pasolini acusava Fortini de *moralismo*, fazendo críticas quase puritanas, incapaz de entender direito suas posições e sua *diversidade*. Subindo o tom, Fortini acusava Pasolini de um narcisismo exacerbado, uma forma pública de se exibir que beirava o pior D'Annunzio, quando seria melhor, muitas vezes, apenas calar. Foi o caso marcante, que ocasionou a ruptura entre os dois, do já citado e muito conhecido poema *Il PCI ai giovani*, escrito e publicado em 1968, num jornal de grande circulação. Desde a abertura do livro, Fortini leva longe sua posição, sem fazer concessões ao clima sentimental e mórbido que cercou o assassinato de Pasolini. Ao longo do livro, se lê um diálogo crítico, as intervenções poéticas e políticas de uma geração, seus limites e impasses, as principais linhas de força em jogo, o que certamente ajudou muito a um leitor brasileiro. No vértice, Fortini considera que a exposição sacrificial de Pasolini levava em si um componente destrutivo, uma espécie de Thanatos, desde cedo legível na poesia de Pasolini. Uma mistura complicada de Eros e Thanatos, que mais acima deixei de lado, e aqui volto a deixar, passando adiante.

No que diz respeito à crítica que convidava Pasolini a se tornar um *comunista moderno*, livrando-se de suas obsessões, fixações e seu desejo de invariância, é possível lembrar, sem muito esforço, o que aconteceu com os comunistas modernizados na Itália, e não apenas na Itália, cada

vez mais integrados e absorvidos na gerência responsável do próprio capitalismo. De compromisso em compromisso, a longa marcha através das instituições, longe de criar uma cultura contra-hegemônica e socialista, só fez aprofundar a derrota do campo da esquerda no final do século XX. Dando um sentido muito peculiar, e amargo, ao legado e às cinzas de Antonio Gramsci. Cabendo frisar, por dever de honestidade, que não foi essa a trajetória pessoal do próprio Franco Fortini, durante longo tempo colocado na posição incômoda, e isolada, de crítico de esquerda do movimento comunista oficial italiano.

Em suma, Fortini esperava do herético e dissidente Pasolini o que ele não era, nem poderia ser: um marxista dialético e rigoroso, atualizado, leitor de Brecht, de Lukács, de Benjamin, de Adorno e Marcuse, para citar aqui as referências do próprio Fortini. Um materialista por inteiro, pode-se dizer, resolvendo suas contradições, deixando de lado seu idealismo, seu *socialismo evangélico*, suas fixações regressivas, seu *désir d'invariance*, seu *amor imoderado pela árvore de ouro da vida*, preso que estava a mundos arcaicos em vias de extinção. Escrevi materialista por inteiro, deixando de lado o peso do messianismo judaico na Teoria Crítica, o que seria um outro assunto, de peso e não de menor importância. Pasolini sempre responderia que Fortini era no fundo um moralista, um puritano, incomodado com o que havia em seu interlocutor de *ambíguo, sinuoso, mutável, elusivo, contraditório, irresolvido*, marcando sempre sua diversidade, vale dizer, sua vida como homossexual. Respondendo a Fortini, como o faria muitas e muitas vezes em relação a outros críticos, Pasolini frisava sempre que não falava de um povo genérico e abstrato, mas de uma grande massa de subproletários amontoados nas periferias urbanas. E que, apesar da pobreza e da posição subalterna, apesar de todos os pesares, ainda guardavam valores que estavam se perdendo sob o impacto do neocapitalismo em marcha. Tomando o partido de uma longa duração histórica, arcaica e ancestral, camponesa e pré-urbana, pondo em relevo seus modos de vida, suas formas de expressão cultural e linguística, sua relação com a vida. É claro que Pasolini estava situado numa posição derrotada, dado o inevitável e avassalador avanço da civilização capitalista urbana. Daí a melancolia diante de um mundo que se distancia e se dissolve.

A presença desse mundo antigo, suas formas de vida e cultura, que estavam mesmo desaparecendo e se distanciando, por certo marca muito a posição de Pasolini. Seria, digamos assim, ao mesmo tempo sua força e sua fraqueza. Seu empenho lúcido, mas também sua fixação. É um exagero considerar, como o fez Asor Rosa, que Pasolini seria apenas um *populista estetizante*. Não é difícil perceber que há algo muito diverso de uma grossa estetização populista na obra de Pasolini. Para Fortini, talvez seu interlocutor crítico mais lúcido, o problema passaria também por uma idealização, não apenas do povo, mas de forma mais complexa, como já referido acima- o amor ilimitado pela mãe, a relação difícil com o pai, um *désir d'invariance* que o acompanharia sempre, uma fixação erótica situada na infância e na juventude, um desejo de *infinita regressão*, além de uma exposição sacrificial e excessiva de si mesmo, como figura pública e como artista de primeira linha. Complexidade psicológica da qual Pasolini, é certo, em grande parte estava consciente.

A vida e a obra de Pasolini são sinais seguros de um modo de caminhar na contramão do otimismo burguês do progresso. Mas também, vale lembrar, de certo otimismo de esquerda diante do progresso e seus mitos. É certo que o poeta italiano estava posto numa funda contradição. É mesmo funda a contradição que não se resolve, que cria variações em torno de si mesma, sem a superação do conflito. Está na forma de uma poesia que é também a forma de uma vida. Nunca cedendo passo ao irracionalismo, à regressão autoritária, mística e mistificadora. Ainda segundo a crítica de Fortini, Pasolini era *o poeta da multiplicidade que se faz contradição e imobilidade*. Tendo no vértice a figura constante do oxímoro Não é difícil notar que se trata de uma exigência dialética, que Fortini cobra de Pasolini uma dialética materialista mais rigorosa, um modelo crítico armado por inteiro nessa direção. Mas Pasolini suspeitou sempre, nesse tipo de crítica, um moralismo de fundo, abstrato e puritano, um esquema dialético correto, mas que não poderia dar conta dos problemas que se punham, para sua vida, sua poesia e sua forma de empenho. Ficava faltando sempre a variedade do real, *a árvore de ouro da vida*.

Caso se queira, uma oposição entre um realismo levado longe, desencantado ao extremo, e um romantismo de fundo, que se mexe na

multiplicidade e não monta a figura da superação. No vértice do debate entre Pasolini e Fortini, há que se considerar um ponto importante. Já na segunda metade da década de 1950, no contexto da revista bolonhesa *Officina*, Pasolini decidira que sua tarefa era *baixar a poesia ao nível da prosa*. Nos anos seguintes, de muita crise e divisão na consciência, Pasolini caminha para seu limite, que pode ser resumido na decisão de *gettare il corpo nella lotta*. Ou seja, lançar o corpo na luta, sem mais mediações, acreditando apenas na França oposição- corsária, luterana, herética- à vitoriosa vida burguesa. Nota bem Fortini que, justo nesse limite, Pasolini não acreditava mais nem na História, nem na religião, apenas na *santità del nulla*. A santidade do nada como um limite devorador e vazio. Sem saída.

Olho para a estante na minha frente. Lá estão os livros de Pasolini, as obras completas em italiano e as traduções que fui lendo ao longo dos anos. Depois olho para a foto de Pasolini caminhando com crianças pobres na periferia de Roma. A cena é pobre, mas bonita. Não porque estetiza a pobreza. É outra a direção do olhar. Não deixo de pensar que se trata sim de uma força do passado, mas potente. Uma força ao mesmo tempo poética, política e pedagógica. Que não separou mesmo vida e obra. Que não marcava a distância entre vida privada e vida pública. Ao fundo, Rousseau. O caminhante cada vez mais solitário. Severo e sensível. Mas também Gramsci. Até o fim querendo educar, formar, participar do debate público, intervir na organização crítica da cultura. Hiper-romântico? Narcisista? Ao fundo uma perigosa exposição sacrificial e destrutiva? Talvez. Com uma nota, severa e delicada, também de Fortini: *ma non si fa socialismo in un cuore solo*. Não se faz socialismo em um coração solitário. É assim, com certeza, embora o socialismo tenha faltado ao encontro.

Continuou sendo um homem para quem a cultura foi sempre conhecimento e organização. Não renuncia ao debate público. Na juventude, criando uma pequena escola em casa, para ler, discutir e pensar. No grupo da revista *Officina* bolonhesa, articulando o debate no campo da literatura e da arte. Nas páginas da publicação comunista *Vie Nuove*, mantendo um diálogo vivo e regular com os leitores. Ainda acreditando no grande partido de massas, cheio de problemas e recuos,

como mediador necessário do debate crítico. Nos últimos anos de vida, nas páginas da mal-fadada “imprensa burguesa”, daí resultando os escritos e intervenções que se pode ler em *Caos*, *Scritti Corsari* e *Lettere Luterane*. Lúcido, implacável, rigoroso, correndo riscos. Talvez, quem sabe, naquele ponto da vida tocando em questões por demais delicadas, próximas demais do jogo duro do poder, o que faz alguns suporem que o assassinato de Pasolini foi, na verdade, político. Nunca se saberá. Talvez apenas a morte de mais um homossexual pelas mãos de garotos de programa.

Naquela altura do impasse e do isolamento, mais que nunca faria sentido o seguinte comentário crítico de Pasolini: “*Non si lotta solo nelle piazze, nelle strade, nelle officine, o con i discorsi, con gli scritti, con i versi. La lotta piu dura è quella que svolge nell'interno delle coscienze, nelle sutu-re piu delicate dei sentimenti*”. Não poderia ser mais preciso e profundo o comentário: a dureza da luta travada no interior da consciência, nas suturas mais sutis do sentimento. A divisão no corpo e na consciência. Paixão e ideologia. Razão e instinto. Mundo arcaico e mundo moderno. O mergulho no arcaico e a consciência lúcida no presente. Sem espaço para regressões racistas, autoritárias, místicas e mistificadoras. A melhor juventude e a nova juventude, impossíveis, fechando a curva do tempo e o arco de uma vida inteira. “*Ho finito, bisogna saper ricominciare*”. Terminei, é preciso saber recomeçar. Como em Beckett, *I can't go on, I'll go on*. Não posso continuar. Vou continuar. Ou Drummond: *amanhã eu recomeço*.

É bonita a imagem de Fortini, resumindo a poesia de Pasolini na forma de *um grande palácio esplêndido abandonado depois da passagem ruinosa de uma epidemia*. Vale a pena citar por inteiro, no fecho deste pequeno estudo sobre poesia e política em Pasolini: “*L'opera sua rimane come un grande palazzo splendido abbandonato dopo il rovinoso passaggio di una epidemia. Lo se visita per sapere comè è finita l'Italia della nostra gioventù. Ossia- per dirlo meglio e con minore pathos- per sapere quale sai stata l'immagine menzognera del nostro paese, del mondo intero, della poesia e dei nostri doveri che fin tropo a lungo, con Pasolini, abbiamo trascinata insieme alle nostre esistenze. Quanto basta alla sua gloria, e alla nostra*”<sup>3</sup>

Com a seguinte tradução, aproximada: “*Sua obra permanece como um grande palácio esplêndido abandonado depois da ruínosa passagem de uma epidemia. Que se visita para saber como terminou a Itália da nossa juventude. Ou seja- para dizê-lo com menos pathos- para saber qual tenha sido a imagem enganosa do nosso país, do mundo inteiro, da poesia e de nossos deveres que durante muito tempo, com Pasolini, levamos ao longo de nossa existência. É quanto basta para sua glória, e a nossa.*”

## Notas

<sup>1</sup> Pier Paolo Pasolini. *Tutte le poesie*. Milano, Arnoldo Mondadori Editore, a cura di Walter Siti, tomo primo e secondo, 2003.

<sup>2</sup> Franco Fortini. *Attraverso Pasolini*. Torino, Einaudi, 1993.

<sup>3</sup> Franco Fortini. *Attraverso Pasolini*, p. 191

## Referências bibliográficas

FORTINI, Franco. *Attraverso Pasolini*. Torino, Einaudi, 1993

PASOLINI, Pier Paolo. *Tutte le poesie*. Milano, Mondadori, I Meridiani, 2 vol., 2003

PASOLINI, Pier Paolo. *Saggi sulla política e sulla società*. Milano, Mondadori, 1999

PASOLINI, Pier Paolo. *Saggi sulla letteratura e sull'arte*. Milano, Mondadori, 2 vol, 1999.

PASOLINI, Pier Paolo. *Romanzi e racconti*. Milano, Mondadori, 2 vol., 1998.

ASOR ROSA, Alberto. *Scrittori e popolo*. Somonà e Savelli, 1965.